

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUÇÃO

SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

ALBANO COELHO || PUBLICA-SE AOS DOMINGOS || D. C. SOTTO MAYOR

COLLABORADORES:

Alfredo Campos;—Antonio Fogaça;—Authera Figueiredo;—Arthur Soares;—Braulio Caldas;—Carlos Braga;—Eugenio de Castro;—Firmino Pereira;—Gonçalo Sampaio;—Hippolito Maya;—João Penha;—José Simões Dias;—Jayme Filinto;—Miguel Sette-Mayer (D.);—Marianna Coelho (D.);—Nuno Rangel;—Pereira Caldas;—Sebastião Pereira da Cunha;—Santos Mello;—Trindade Coelho;—Teófilo Lobato;—Vicente Novas, etc., etc.

OXYDOS METALLICOS

I.—Em cinco grupos dividem os chimicos os OXYDOS METALLICOS—em linguagem popular *ferrugens dos metaes*:

Oxydos basicos—funcionando sempre como bases—simulacros de acção feminina;

Oxydos acidos—funcionando sempre como acidos—simulacros de acção masculina;

Oxydos indifferentes—funcionando ora como bases, ora como acidos, conforme a acção dos corpos em concomitação;

Oxydos singulares—não funcionando senão com perda, ou com adjuncção de *oxygenio*;

Oxydos salinos—funcionando á semelhança de saes—«combinações de corpos electro-negativos, funcionando como acidos, com corpos electro-positivos, funcionando como bases».

II.—Sirva d'exemplo d'um *oxydo basico* a CAL—*oxydo de calcio*—em notação chimica CaO .

D'um *oxydo acido*, sirva d'exemplo o ACIDO FERRICO—em notação chimica FeO^3 .

D'um *oxydo indifferente*, sirva d'exemplo a ALUMINA—*sesqui-oxydo de aluminio*, em notação chimica Al^2O^3 .

D'um *oxydo singular*, sirva d'exemplo o HI-OXYDO DE MANGANEZ—em notação chimica MnO^2 : corpo não entrante em combinações chimicas, senão reduzido a MnO (*protoxydo de manganez*), ou reduzido a MnO^3 (*trioxydo de manganez*).

D'um *oxydo salino*, sirva d'exemplo o *magnete natural*—em notação chimica Fe^3O^4 , equivalente a FeO e O (*protoxydo de ferro*), em combinação com Fe^2O^3 (*sesqui-oxydo de ferro*), escriptos ambos em conjuncção chimica assim: FeO, Fe^2O^3 .

III.—O *potassio*, o *sodio*, o *calcio*, o *bario*, e o *stroncio*; assim como o *cobre*, o *chumbo*, e o *bismutho*; não são *metaes*, em que haja *oxydos indifferentes*.

No *potassio*, no *sodio*, no *calcio*, no *bario*, e no *stroncio*, não ha tambem *oxydos acidos*, assim como não ha n'elles ainda *oxydos salinos*; sendo tambem communs com estes *metaes*—em rela-

ção a esta ultima circumstancia—o *mercurio*, a *prata*, a *platina*, e o *ouro*.

IV.—Adstringimos-nos aqui n'esta exposição succincta—unica adaptavel a um SEMANARIO POPULAR—às doutrinas didacticas de *Langlebert*, como escriptor d'ensino usual nos *lyceus* e *collegios* do paiz.

Outra norma seguiriamos de certo, a escrevermos para *lucubrações didacticas*, em plana superior a esta d'agora.

O Professor *Pereira-Caldas*.

RUINAS

N'uma antiga muralha derrocada e na escura tristeza do abandono a hera desprezada dormia ainda o merencorio somno...

Mas n'uma occasião certo vadio, passando a rir ao longo da muralha cortou a planta, ao fio da sua enorme e limpida navalha.

Depois seguiu, cantando satisfeito, como quem vae na estrada da Verdade, ao lado do Direito, sem remorso, sem noita e sem saudade.

Ai! pobres illusões, que o Tempo corta, sois como a hera folhas pequeninas... sendo uma esperança morta essa muralha que se vê em ruinas!

Antonio Fogaça.

CANTARES

R...

Os olhos formosos da minha beldade traduzem carinho, indicam bondade.

São gottas d'orvalho
dispersas na rosa,
são raios fulgentes
d'estrella formosa.

São duas saphiras,
são astros brilhantes;
são olhos que ferem
gentiz, penetrantes.

São p'ra mim enlevo.
são p'ra mim encanto;
por elles dou vida
por elles dou pranto.

Arthur Soares.

A BELLA GEORGINA

O Anselmo, um habil clinico, amava extremamente a Georgina, uma bella *cocotte*, filha de um brasileiro rico, tão rico que nem sabia o que tinha de seu. Um dia lembrou-se de tentar a realisação do seu ideal—o seu casamento com Georgina—e foi pedil-a ao pae.

—Venho pedir-lhe a mão de sua filha...

—Que diz, doutor?—interrogou o brasileiro escancarando a bocca e os olhos.

—A mão de sua filha... a senhora D. Georgina...

—O senhor falla commigo ou pede para as almas?

Agora era o Anselmo que olhava admirado para o brasileiro.

—Eu fallo-lhe serio, senhor. Quer dar-me a mão de sua filha?

—O' homem de Deus! você não tem o caco no seu logar! Pois então vem fazer-me uma tal proposta... e sob que condições? Vejamos.

—Sou doutor formado em medicina pela escola medico-cirurgica do Porto—respondeu gravemente Anselmo.—Tenho um posto medico que pôde render-me 50000 reis por mez, tenho consultas particulares, tenho uma boa clientella... tenho...

—Tem muita cousa, já vejo; mas tudo isso que o senhor tem, não vale uma chinella da minha filha, quanto mais a sua mão...

O doutor Anselmo exasperou-se.

—Com mil diabos! Os meus documentos academicos, a minha habilidade, as minhas esperanças, o meu futuro... tudo isto não vale nada!

—Não levante a voz, meu amigo; olhe que perde o tempo e o feitio. Se o senhor em vez de esses documentos me apresentasse uns contitos de reis que rivalissem pelo dote de minha filha... Agora o resto... *fiu!*

E assobiou, ao mesmo tempo que fazia um gesto que significava: «não presta».

—Quer o senhor dizer... que recusa a minha proposta...

—Ora é tal e qual. Gosto de fallar com quem me entenda. Olhe: mate mais meio milhão de doentes com a sua Pharmacopecia, e depois appareça.

E despediu o Anselmo, que lhe disse a sávida da porta:

—Recusa-m'a, não é assim? Pois ha-de arrepender-se. Saiba que amo sua filha, e que ella ha-de ser minha, sejam quaes forem os meios que tenha a empregar.

O brasileiro lançou mão d'uma tranca, mas o doutor não esperou pela resposta e... *fist!*... safou-se.

×

Mas o brasileiro começou a scismar na ameaça do doutor Anselmo. Que queria elle dizer?

—Ah! já sei—disse em soliloquio depois de muito pensar.—Provavelmente mette-se-lhe em cabeça roubarm'a ou deshonor-a... Hum! se te atreves...

E foi abrir um armario, d'onde tirou um bacamarte, que guardou junto da cama.

—Vem para cá se és capaz—dizia elle com sigilo.

E deitou-se.

Altas horas, acordou sobresaltado. Do quarto de Georgina partiam uns gritos de susto e de dôr, ao mesmo tempo que se ouviam os passos apressados da joven, que parecia fugir a alguma cousa, como que querendo desviar-se d'alguem, que a perseguia. No meio d'este barulho confuso percebeu o brasileiro a queda d'uma cadeira, o som do jarro do lavatorio e da chaminé do candieiro, que se despedaçavam no soalho, ao mesmo tempo que a casa parecia abalada por fortes impulsos, e a Georgina gritava n'uma voz alterada pelo susto:

—Papá! papá! acuda!

O brasileiro teve uma ideia luminosa.

—E' o patife do doutor que me quer levar a rapariga a fina força. Ah cão! Espera que eu te arranjo o canastro—vociferava elle levantando-se d'um pulo.

E lançando mão do bacamarte que tinha proximo, dirigiu-se em camisola e ceroulas de malha para o quarto da filha, que lhe solicitava soccorro.

Arrombou a porta e precipitou-se para dentro, ao mesmo tempo que Georgina gritava afflicta:

—Papá! papá! Olhe que elle foge... Mate-o mate-o, papá!

E enquanto o brasileiro, volta para aqui, volta para acolá, com o olhar desvairado, os cantos da bocca cheios de espuma, e bravo como um touro, corria os cantos do quarto com o bacamarte engatilhado e aperrado ao hombro, a gentil Georgina aconchegava, pudibunda, com uma das mãos, a camisa de rendas, e apontava com a outra para... para um ratinho que se esgueirava ligeiramente pela porta do seu quarto em desordem.

A Georgina narrou então:

—Estava a ler o ultimo capitulo do *Amor de Perdido*, quando senti bolir-me uma cousa no cabello... era um rato! Que susto!...

O brasileiro, segundo reza a chronica, riu tanto, tanto... como nunca riu.

Depois deitou-se novamente, conversando com o seu bacamarte:

—Antes assim. Se era o tal doutor, *suicida*... como a um cão! Mas o caso é para rir!...

E adormeceu a rir.

Albano Coetho.

DEVANEIOS

(a A. COELHO)

N'uma noite serena e bella entre as mais bellas
absorto contemplava a meiga luz da lua;
no campo azul dos ceos brilhavam mil estrellas,
e em seu fulgor suave eu via a imagem tua.

Tudo era em socego—dormia a natureza,
e eu em ti pensava, oh! maga divindade;
sonhava phantasias; na minha mente acceza
anciava só prazer, gloria, felicidade.

Ideava conquistar um solio, um diadema
p'ra depois vir ufano tudo a teus pés depôr,
—mas este sonho grato, este ideal poema
passaram como a sombra... e só me resta o amor.

Ancêde—85.

D. C. Solto Mayor.

MADRIGAL

Como as pétalas da rosa
Frescas, rubras, perfumadas
São teus labios, flor mimosa.
De tal sorte embalsamadas
São as pétalas, que até
Ha quem supponha as rizadas.
Que dás com jubilo immenso,
O abrir-se um cofre d'incenso.

Werter.

UMA VISITA DO DIABO

TRAÇOS A HISTÓRIA

(Continuado do n.º 3)

A proposta do seu companheiro no americano, o diabo recuou aterrado.

—Lembro-lhe, senhor, que sou um homem honrado — disse elle.

—Ah! é? Então vem mal aviado cá para esta terra.

—Pois assim me será difficil aqui a vida? Eu estou habilitado para tudo...

—Vejam os.

—Posso ser professor...

—Livre-se d'isso, meu caro; Braga não quer instrucção. Demais, cá n'esta cidade todos são mestres... na intrugice.

—E medico?

—Peior. Aqui todos são medicos, desde a bruxa do Areal até aos ferradores da rua d'Agua.

—E advogado?

—Não é mau. Mas... o senhor tem consciencia?

—É pura.

—Então ponha-a de parte.

—Nunca!

—Ah! tem escrupulo? Não serve para advogado. Adiante.

—E jornalista?

—Oh, meu caro! São tantos como moscas. E ha-os de todas as cores e feitios. Ha até cada um que faz do jornal um meio de vida, e vende descompostura a todo o mundo, a razão de 5 réis cada tres linhas. De modo que esta especie de jornalistas são uns instrumentos de paixões e odios, de que se servem os covardes que não tem animo de estender um chicote nas costas de um adversario, ou de se desaffrontar cara a cara de qualquer accusação que lhes assaquem.

O diabo abriu a bocca, de enfado. N'este momento chegava o americano ao campo de Sant'Anna.

O nosso viajante apeiou, comprou dous charutos na Isabelinha, dirigiu-se ao Vianna, na Arcada, mandou vir café, tomou-o, e entabou conversa com varios grupos de officiaes ociosos que jogavam, e fallavam sobre as vidas alheias, em quanto os pobres soldados andam desterrados no cordão sanitario.

Depois, perto da noite, sahio a visitar a cidade.

Na rua da Escoura, um larapio roubou-lhe o relógio e a cadeia de ouro. Na rua de S. Gonçalo, despejaram-lhe um balde d'agua pela cabeça abaixo. Na rua de Santo Antonio das Travessas, as rameiras pucharam-lhe pelas abas da casaca, a ponto de lh'a esfarraparem, e tiraram-lhe o chapéu para o obrigar a entrar.

Altas horas, quando, farto de ver escandalo, se decidiu a recolher-se, o desconhecido viajante dizia para os seus botões, estendendo-se na cama:

—Irra! Em Braga nem o diabo pôde viver!

(Continúa)

Albano Coelho.

QUADRO DO INVERNO

(a JOSÉ PARREIRA)

Os ventos executam nos pinhaes
uma lugubre e estranha symphonia
e têm as coisas languidas, mortaes
de spleen e tedio uma expressão sombria.

Trocou a Natureza, doidamente,
as rosas mais a flor das laranjeiras,
como quem tem o coração doente,
como quem troca as illusões primeiras.

As arvores, despidas de folhagem,
semelham, com seus troncos sinuosos,
os prophetas em muda linguagem
erguendo ao céu os braços musculosos.

Recresce o frio com vigor intenso
nas frescas madrugadas de neblinas
e a branca neve, n'um lençol immenso,
estende-se por cima das collinas.

As andorinhas foram n'um só bando
para terras mais quentes e mais calmas,
iguaes ás illusões, que fogem quando
o gelo nos invade as nossas almas.

Tudo esta lugubre e mortal! Já nada
nos recorda as passadas louçanias
e a nossa alma estremece regelada
ao contemplar estas paisagens frias.

1884-

Gonçalo Sampaio.

REQUEBROS

O' donzella enamorada,
ó coração de granito!
Tu não és mulher: és fada
que assombras o infinito!
Mas, donzella enamorada,
tens coração de granito...

Astharteia! o teu olhar
enlouquece, dilacera.
Oh! tu deves acoitar
os desejos d'uma fera...
Porque, ó bella, o teu olhar
Enlouquece, dilacera.

Braga—85.

Tyto Manlio.

CALINADAS

A mãe para o pequenito:
—Toma lá esta laranja, Alfredo: parte-a
christamente com tua irmã.
—Oh mamã, e o que se faz para a partir
christamente?
—Dá-se a parte melhor á outra pessoa, meu
filho.
Alfredo estende a laranja a sua irmãsinha:
—Toma lá, parte-a tu, christamente...

X

Uma menina de sete annos está ajoelhada
a fazer a sua oração da tarde. Surge o galo-
pim do irmão que lhe puxa pelas saias a ponto
de a fazer cahir de costas.
A menina interrompe em meio a oração do-
minical e diz:
—Meu Deus! esperai um pouquinho, em
quanto eu dou uma surra em meu irmão.
Depois dá a tal surra no garotito e continúa
piedosamente a oração interrompida.

X

Armandinho ouviu sua mãe dizer a uma
amiga:
—Tenho perdido muito cabello, este verão!
—Oh mamã, diz elle, então porque não fe-
chas á chave a gaveta do toucador onde o guar-
das todas as noites?

X

A snr.ª D. X... é o espirito de contradição
encarnado.
No outro dia dizia-se na sua presença, fal-
lando-se de um velho que acabava de sair da
sala:
—Tem um lindo cabello branco!
—Muito bonito! exclama ella. Aposto em
como elle o tingé...

Abelha Mestra.

ENYGMA

(AO MEU AMIGO A. A. INFANTE)

Anda o todo na primeira
Apesar de não ter pés;
Mas se quizeres que os tenho
Na primeira não o vês.

Não pôde existir o todo
Sem na primeira viver,
Mas se acaso tiver pés
Fôra d'ella o pôdes vêr.

Quer tenha pés quer não tenha
E' animal, pôdes crêr;
Não tendo pés é gostoso,
Quem t'o dêra a ti comer!...

Mas tendo pés, oh! que horror!
Até causa nojo ao vê-lo:
E' totalmente coberto
De grande porção de pello.

Não tendo pés, não tem pello:
Tem pelle mui luzidia,
Mas não deve admirar
Pois se lava noute e dia,

Tres syllabas tem o todo:
Mais não te posso dizer;
Pois já te disse bastante
P'ro enyigma morrer.

Porto

Mourão.

CHARADAS NOVISSIMAS

1.ª Na flôr, corre, esta proposição Matema-
tica—3—2.

C. e Simas.

(AOS MEUS CONDÍSCIPULOS DE 1885)

2.ª Está na Zoologia, e na Mathematica a
divisão d'este phenomeno—1—1—2.
3.ª Quando fui creada, fui generosa para
com este animal, que se come—2—1—1.

(SEM OFFERECIMENTO)

4.ª Este doce, á minha parenta, dá-lhe vis-
ta—1—2.
5.ª Este rio causa pena no inverno—2—1.
6.ª Esta segregação, d'esta flor, causa pena,
na botica—1—2—1.

Vianna, 85.

A. Infante.

Decifração da charada em verso do n.º ante-
cedente: *Re-gato*. Das novissimas: 1.ª *Sul-fato*;
2.ª *Casa-cão*.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes das provincias pedimos o
obsequio de nos enviarem a importancia das suas as-
signaturas.

D'ora ávante não aceitamos assignaturas que não
sejam pagas adiantadamente.

Assignatura: Em Braga, por mez (4 n.º) 120 reis;
Provincias: anno (48 numeros) 1\$300; semestre
(24 numeros) 700; trimestre (12 numeros) 400 reis.

A administração da «Abelha» é na rua Nova de
Sousa, 4—Braga.